

PONTO DE VISTA

A formação do médico: algumas reflexões

Emirene Maria Trevisan Navarro da Cruz

Professora Titular de Psicologia Médica – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto

As instituições médicas brasileiras tem-se movimentado na busca de mais qualidade na formação do médico. Alguns pontos parecem claros e consensuais: o volume e a complexidade do conhecimento não permitem uma detenção do poder, por um lado, e a absorção passiva por outro; o curso se alongou de 6 para 8, 9 anos e nem o dobro disso possibilitaria o impossível: “ensinar tudo a todos”, principalmente tendo-se em conta que o aprendizado é pessoal, ativo e intransferível. Não adianta ter currículos massudos com pulverização de disciplinas, com memorização do xerox que é esquecido após a prova.

São características da nova escola o ensino centrado no aluno, aprendizagem mais ativa, priorizando grupos menores, o próprio aluno, sob supervisão, gerindo sua produção e rendimento, aprendendo a buscar conhecimento e se atualizar, num incessante movimento que deve perdurar para sempre.

Outro ponto fundamental é a necessidade de se formarem profissionais adequados às demandas de saúde da região e do país. A inserção precoce na comunidade permite uma profissionalização mais adequada, um treinamento em serviço, o aluno desde o 1º ano como um verdadeiro agente de saúde e promotor da vida.

O futuro médico deve estar familiarizado com as conquistas tecnológicas de ponta, mas (e isso tem sido exaustivamente debatido) não pode perder de vista a pessoa do paciente, não pode se sujeitar a ser instrumento de prescrição e venda de medicamentos e aparelhagem sofisticada.

Se examinarmos o perfil desejável para o egresso da escola médica do novo milênio veremos que se espera um profissional com consciência política, cidadania e ética, que seja promotor de transformação da sociedade, que alie competência a uma visão humanitária, vendo o paciente através e além dos sintomas.

Vários itens do perfil do médico incluem atributos e atitudes que tem que ser estimulados, reforçados e valorizados durante sua formação e vão exigir, da instituição, uma ambiência favorável, dos docentes, modelos adequados de identificação e das ciências do comportamento, subsídios e suporte para o complexo processo de vir-a-ser médico. O estudante, paralelamente à aquisição do cognitivo, deve tomar consciência do domínio afetivo.

Em nossa escola (FAMERP) são oferecidos desde o 1º ano, cursos de Literatura, História da Arte, Comunicação, Expressão Corporal, Teatro, Elementos de Filosofia e Psicanálise, treinamento de habilidades na área psicossocial, entre outros. O aluno treina e refina seu senso estético, sua capacidade de percepção de si e do outro, sua visão do mundo. Isso o ajuda a definir seu papel na escola e seu sentido no mundo.

Deve a escola estar apta e atenta a auxiliar o ingressante na

sua adaptação, ao curso, à cidade, ao modelo pedagógico, ciente de que o adolescente vai enfrentar não só o desafio de um curso exigente, (com vocação muitas vezes vacilante, com auto exigência e pressões institucionais e familiares) mas a superação dos conflitos próprios da adolescência.

Além disso, as vivências do próprio curso expõem o aluno ao confronto com a morte, sofrimento, miséria, com seus próprios sentimentos conflitantes, suas onipotência e onifalência, feridas narcísicas e defesas adequadas e inadequadas. Nos anos de internato a pressão da demanda, privação de sono e os planos povoam o universo do “aprendiz de feiticheiro”.

Será necessário tanto sofrimento numa carreira que é desgastante pela própria natureza? Com exigências descabidas de excesso de atendimentos (muitas vezes em seguida a noites sem dormir, como se tratassem de seres especiais sem necessidades básicas) sem supervisão adequada, com superiores “inalcançáveis”, provoca-se a deformação no processo que deveria ser de construção contínua, de aperfeiçoamento constante.

Fala-se da selvageria do sistema de saúde vigente; muitas vezes na escola essa já é praticada e passada aos alunos, deformados⁽³⁾ seguidores de professores que não educam.

No Simpósio de Educação Médica, Psicanálise e Psicologia, realizado em São Paulo debateu-se, em alguns grupos, a questão da de-formação do aluno médico que, segundo os relatos de vários professores (meu inclusive) são mais humanistas e preocupados nos anos básicos e intermediários e que se mostram frios, distantes e robotizados na sua relação com o paciente no final do curso.

Provavelmente, isso será mais evidente na escola que também não vê o aluno como pessoa e não se preocupa com seu destino e circunstâncias.

Cumprir lembrar, porém, que alguns fatores que fogem da alçada da escola médica e ao controle mesmo dos docentes comprometidos e interessados no alunado: por um lado, alunos ingressando cada vez mais jovens e imaturos; além disso com a oferta maior de cursos médicos, muitos na própria cidade de origem entram e então permanecem, ou por acomodação ou pressão familiar, sem vocação, sem o “chamado” genuíno.

Muitas famílias se agarram à possibilidade do filho médico ou por desejar ascensão social, com fantasias de prestígio e rendimento ou (tenho levantado seriamente essa hipótese) por necessidade, talvez ainda inconsciente, de sobrevivência, pois está difícil sobreviver na “selva” sem um parente médico que possa intervir.

Por outro lado, o sistema de saúde vigente, a plethora médica com competição que tende a “nivelar por baixo”, multiplicidade de vínculos empregatícios com tentativa de compensar salários

baixos, a quantidade comprometendo a qualidade do atendimento, são insatisfações que permeiam a atividade médica e que escapam ao controle da escola médica que, aliás deveria ter vez e voz nas discussões políticas que afetam a saúde, (da população e da própria instituição).

O sub título do trabalho de Sérgio Rego ⁽¹⁾, “Saindo da adolescência com a vida (dos outros) nas mãos” faz-nos pensar na carga de responsabilidade que é colocada nesse adulto jovem que não só carrega a vida dos outros mas a sua própria, emergindo da escola como agente de seu destino, emancipado da adolescência, (provavelmente ainda em luto pelo que perdeu e em trêmula e hesitante expectativa do que lhe reserva a maioridade), tendo ainda pela frente opções importantes e decisivas de carreira e vida pessoal.

É preciso que a Escola Médica esteja atenta e apta a auxiliar seu aluno desde o ingresso a se tornar um médico competente sem tanta angústia.

Oportunidade de lazer, cultura e esportes podem fazer a diferença entre uma instituição que informa e outra que educa, que se preocupa com a saúde física, mental e social do seu aluno e do seu docente ⁽²⁾. Aliás, o clima da instituição deve favorecer a valorização de ambos, discente e docente não só pela iniciação científica e trabalhos publicados, mas pela dedicação ao “outro”, pela promoção da vida, pela cumplicidade na construção de uma sociedade mais justa e mais humana.

Essencial que haja um serviço psicológico e psiquiátrico de atendimento ao aluno: muitas vezes são necessários orientação e apoio quando as dificuldades de lidar ultrapassam momentaneamente as contenções da personalidade.

O programa de Tutoria (Mentoring) e não se trata aqui do tutor de PBL, desponta também como meio eficaz de tutela amiga, competente e confiável, proporcionada a grupos de 10 alunos do 1º ao 6º ano por professores preparados. Em nossa escola, os alunos, em suas expectativas sobre o funcionamento, relataram esperar que o professor seja amigo que partilhe as experiências pelas quais passou, os caminhos que percorreu, não necessariamente tendo todas as respostas mas agindo como catalizador de insights e reações importantes no grupo.

As mulheres médicas tem que enfrentar dificuldades ligadas à compatibilidade entre duplos, triplos ou quádruplos papéis que vão desempenhar: médica, mãe, esposa, dona de casa. Além disso, podem ser discriminadas quando escolhem especialidade em territórios predominantemente ou tradicionalmente masculinos, apesar de que, com o aumento constante de mulheres na área médica e sua crescente autonomia, esses espaços tem sido conseguidos, invadidos e conquistados.

É preciso atender o aluno com relação às opções de carreira pois que a escolha da especialidade é uma escolha de estilo de vida, e fator importante na construção da auto estima e felicidade.

É preciso também atender o docente em suas necessidades de formação, aperfeiçoamento e busca de se tornar um verdadeiro educador.

Rubens Alves ⁽⁴⁾ reflete, com propriedade, sobre a diferença entre professores e educadores:

Eu diria que os educadores são como as velhas árvores.

Possuem uma face, um nome, uma estória a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma “entidade”, sui generis, portador de um nome, também de uma estória, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo pra acontecer neste espaço invisível e sendo que se estabelece a dois. Espaço artesanal.”

É essa comum-união do educador com o aluno que o estimula, que o engrandece, que rejuvenesce sua mente e sua alma; é o contato com o espírito jovem dos alunos que incita a queda das velhas roupagens possibilitando à crisálida romper mais uma vez: o professor pode alçar novos vãos, imaginar a escola com que sempre sonhou e ter esperança nessa nova escola, nesse novo tempo; nessa nova vida; esperança que não pode morrer, mesmo ameaçada pelo terror...

Dissemos atrás que é preciso ajudar o aluno na busca da felicidade, desejo esse legítimo e essencial, como essencial é preservar a esperança: não só de áreas verdes nas nossas florestas e em nossos currículos, mas áreas verdes da mente, que possam vicejar em soluções criativas para um mundo melhor. Eu tenho essa esperança em Deus e no homem.

Referências Bibliográficas

1. Rego S. Formação ética dos médicos: saindo da adolescência com a vida (dos outros) nas mãos. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2003.
2. Navarro da Cruz EMT. Formando médicos da pessoal; um resgate das relações médico-paciente e professor-aluno. Rev

Bras Educ Méd 1997;21:22-7.

3. Navarro da Cruz EMT. O prefixo des, a prática e o ensino médico: humanizar é preciso. Rev Bras Educ Med 2002;26(2):128-31.
4. Alves R. Conversas com quem gosta de ensinar. 6ª ed. São Paulo: Cortez; 1983.